

7 MAR 1997

Dr. Fausto nos Trópicos

7 MAR 1997

FÁBIO KONDER

Nesta altura da evolução política, atribuir a Fernando Henrique as características de um despotismo esclarecido é abusar de ambas as palavras: do substantivo e do adjetivo.

O substantivo, como se sabe, vem do grego. O que, porém, não se costuma saber é que, originalmente, *despota* designava o chefe da família, o qual exercia, naqueles rudes tempos, uma dominação absoluta sobre a mulher, parentes, agregados e escravos.

É claro que epíteto tão solene não convém ao nosso jucundo presidente. Como dilettante do poder, ele está muito, mais para Macunaíma do que para Frederico da Prússia. Num ponto, porém, a comparação é defensável: o discurso generoso de FH sobre os problemas sociais, amplamente louvado pela intelectualidade do Primeiro Mundo, é tão falso quanto os protestos de amor ao progresso, com que Catarina, a Grande, fascinou Diderot.

FH está longe de ser um despotista. Ele é, apenas, o amável líder do novo pacto oligárquico, sem dúvida o líder que melhor desempenhou esse papel, desde os carcomidos tempos da República Velha.

FH, com efeito, é o único presidente que logrou realizar, depois de 1930, a confederação dos diferentes grupos em que se divide a oligarquia. Nem Getúlio nem Juscelino — para citar os dois estadistas de maior êxito político deste século — conseguiram essa façanha. Ambos tiveram que se haver, durante todo o tempo de seus governos, com a oposição irredutível de algum setor das classes dominantes.

Sem dúvida, o êxito da confederação oligárqui-

ca não é devido tão só a FH, nem está ao abrigo de revoltas. A tamboira comprovada dos caciques pefelistas salvou-o, amiúde, de desastres políticos, provocados pelos desvarios de sua patológica vaidade. Além disso, alguns dos confederados atuais, como os latifundiários e os industriais exportadores, ameaçam a todo momento fazer secessão.

Nada disso, porém, prenuncia o breve fim do pacto oligárquico. Para que um regime seja substituído por outro, é preciso que o anterior haja esgotado a sua criatividade, e que o sucessor faça prova de iniciativa e de visão política. Orá, desde o regime militar, com raríssimas exceções, como a do Movimento dos Sem-Terra, as oposições vêm se limitando a reagir às iniciativas da oligarquia, cuja capacidade de adaptação tem sido surpreendente.

Acontece que hoje, segundo tudo indica, a aptidão transformadora dos grupos oligárquicos parece ter se esgotado com a introdução do Plano Real, uma conquista que permanece perigosamente incompleta e precária.

Talvez o presidente, que não é nenhum idiota, perceba que o dique da estabilização monetária acabará sendo rompido, mais cedo ou mais tarde. Talvez ele saiba que a única salvação do pacto que lidera consiste na manobra que os estrategistas denominam uma “fuga para frente”, ou seja, o avanço em direção ao desenvolvimento econômico e social do país.

O diabo é que, hoje, ao contrário dos anos 30 e da época do “milagre”, já não é possível acelerar o crescimento econômico sem igualdade social. E esta, ou seja, a criação de uma forte classe média, implica, pela sua própria natureza, o fim da oligarquia.

Se FH fosse realmente um despotá, e ainda por

cima esclarecido, não veria obstáculos políticos na estrada do desenvolvimento nacional. Mas pode ele reorganizar a federação, redesenhando as competências tributárias das diferentes unidades, em função dos investimentos públicos prioritários? Pode alterar a representação popular na Câmara dos Deputados, eliminando as distorções que favorecem os Estados mais atrasados e menos populosos? Pode mudar a legislação eleitoral para reduzir o personalismo apartidário e punir o abuso de poder econômico? Pode democratizar o controle dos meios de comunicação de massa, notadamente o rádio e a televisão? Pode fazer com que o Estado invista maciçamente em educação e saúde, ocupando o espaço até agora apropriado lucrativamente pela iniciativa privada?

É óbvio que Sua Majestade não está em condições de propor ou sequer de sugerir nenhuma dessas medidas.

Tudo parece, então, confirmar a sinistra ideia de que o professor-presidente vendeu sua alma ao demônio para chegar ao poder, e que o preço será fatalmente cobrado, na forma, tempo e modo convencionados.

Não vamos, porém, carregar nas tintas. A tragédia faustiana, quando vivida em clima tropical, nunca apresenta a estupenda desolação das suas origens germânicas. Entre nós, ela costuma reduzir-se, moderadamente, às proporções de um dramelhão tragicômico.

É que seus personagens, como na famosa novela de Mário de Andrade, são heróis de muita versatilidade, cheios de facundia e imaginação, mas “sem nenhum caráter”.